ODE

AOS MANES DO INFELIZ

GOMES FREIRE D'ANDRADE

ODE

AOS MANES DO INFELIZ

MAS

SAUDOSAMENTE DEPLORADO

GOMES FREIRE D'ANDRADE,

COMO INCONCUSSO MARTYR

DA

PATRIA LUSITANA.

POR

THOMAZ IGNACIO DA FONSECA.

Bacharel Formado em Leis.

LISBOA:

NA IMPRENSA NACIONAL

ANNO 1821.

Com licença da Commissão de Censura.

. . . . Præcipe lugubres
Cantus, Melpomene . . . .
Quando ullum invenient parem?
Horat.

ODE

Oh ! que gélido horror me tolhe os membros,
Onde de susto o sangue meu pasmára !
E tu soluças, Melpomene arguta,
Lavada em pranto azedo?

Mas ah ! se (ao deplorar de Andrade a morte)
Nénias não bastão d'imbecil meu metro,
Das azas de teus ais desprende em Lysia
Funérea voz saudosa!...

Lúgubre accento de apinhados Lusos
A' Urna sepulcral leve a memoria
Em premio digno do Varão preclaro,
Que foi da Patria Martyr.

Excelso, Augusto Rei no seu reinava,
Qual reina em Lusos corações briosos ;
Erão, quaes nossos, perennaes seus vótos
De vêr a Patria illesa.

D'imperterrito Heróe, Lusão constante
Os de Lysia foraes n'alma reclama;
Apraz-lhe o facho instaurador, que a salve
Do precipicio horrendo.

Volve na mente a innovação proficua
D'antigas, sabias leys, sabio Instituto,
Que os direitos Civís torne inoffensos
A' Lusitania infausta.

Hum Solio proclamou, que os post'ros E'vos
Do vetusto saber prendesse em oiro,
Garante exímio ao renascer da Patria
No peregregio Bêrço.

Eis o affanado Salvador da Lysia,
Que hum ditoso porvir dando a seu peito,
No patíbulo, oh Ceos! hostia innocente,
Lhe bebe o sangue a Intriga!...

Carnifices, tremei, tremei verdugos,
Infandos monstros de Avernal crueza,
Que o Numen vingador vos mostra em chammas
Austero gládio acceso.

Não he dos Lysios, Cidadãos honrados,
Que a fama insulto de padrões credôra,
Sevéro o plectro meu sómente accusa
Da tyrannia os ferros.

Se Perillo exultou, se approuve a Néro
Que gemesse infeliz a raça humana,
E debaixo do cultro, ou bronzeo fogo
Se lhe finasse o alento,

De Andrade os duros Canibaes algozes,
Perpassando o rancor d'Estygias feras,
A'vidos folgão d'immergir-se em sangue,
Que lhes decóre as vestes!...

Insignidos assim, ludibrio eterno!
Zombão, scarnecem do pudor sagrado;
E da Patria a adhesão, que o Luso enlêa,
Aos olhos seus foi nada.

Mas hoje, oh gloria! que, propicio o Pólo,
Já refulge entre nós, fulgûra o lume
Da sancta Liberdade, oh Lysia, oh Lysia,
Os parabens te ságro.

E vós, que a Patria dos grilhões soltastes
Emersa e livre do golfão de horrores,
Portuenses Herões, vêde que aos vossos
Os vótos meus se enlação.

Da Gente Lusa o uni-sonante applauso
Interprete fiel m'end'réço a dar-vos,
Que o Sob'rano polar nos seus decretos
Dilatará potente.

Eia pois, Cidadãos, já Lysia he nossa;
He nosso o immune galardão de amá-la:
E he livre ao Luso o religar-se aos braços
Da salutar Virtude.

Fugi longe de nós, fugi, profanos,
Cruentos inda mais que ursos ferozes,
Que os raivosos leões, que hostís panthéras,
Deixai que a Patria viva.

Viva o Luso feliz, mas beije a Urna,
Que o resgardo off'receu de Andrade ás cinzas!..
Terna saudade, que vivaz desatas
Da grata Lysia o pranto!...

Salve, ó Téjo, amador do Lysio Marte,
Donde ao thálamo teu reliquias descem,
Que as Deidades gentís, Nimphas piedosas
Em aureo Cofre encerrão.

Tranquillas repousai, Cinzas de Andrade,
Na Urna de oiro, que eternal se ufana
De arrancá-las das mãos do umbroso Olvido,
Por dar exemplo ao mundo!...

Mas quanto he duro que os Lusões perdessem
Tão illustre Varão, da Patria digno;
Deixando-o inulto assim; e inulto, oh Numes,
O social martyrio!...

Musa, já basta, Melpomene, he tempo
De silencio m'impor sôbre a vingança,
Que não cabe a Mortaes, só cumpre a Jóve,
A quem se accurva o raio.

Fúnebres nénias desferir me incumbe
Aos Lusiades, ah! quam grato e dôce
Não he dos peitos, corações oppressos
Romper a mágoa em pranto!

Lagrimas tristes emanando em fio,
Deslize a crua dor; pague a memoria
Loução tributo de saudade ao Martyr,
Que se idolátra em Lysia.

FIM.